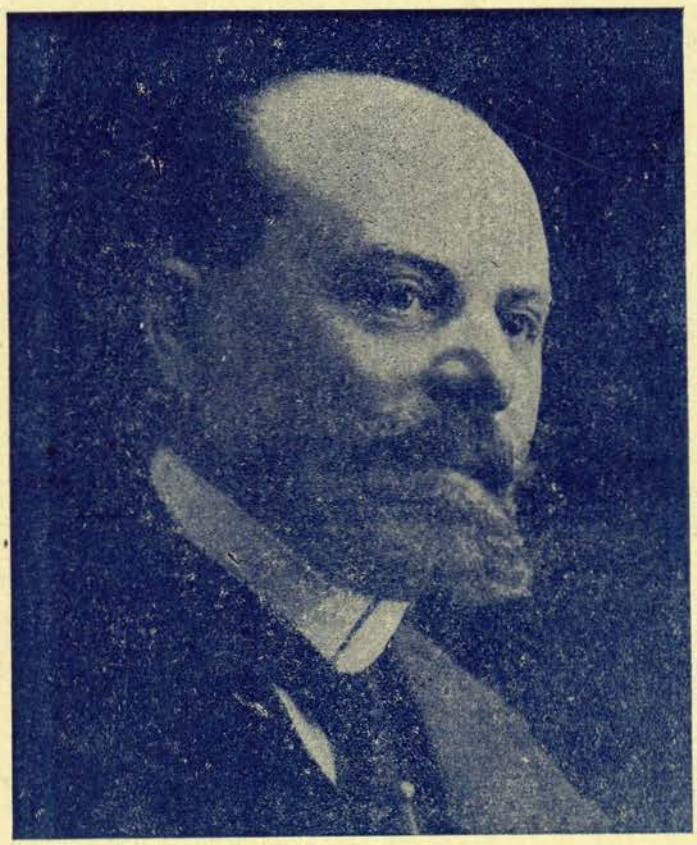
SEMANA PORTUGUESA



6

REVISTA DE INFORMAÇÃO E CRITICA

1$00

LISBOA, 15 DE FEVEREIRO DE 1933

SEMANA PORTUGUESA

ANO I N.º 6

Crítica Actualidades

SEMANA PORTUGUESA

Arte Literatura

Administrador: JOSÉ B. VICENTE
Redacção e administração e oficinas ≡ RUA LUZ SORIANO, número 94 ≡ LISBOA

DIRECTOR
CARLOS DO AMARAL
Redactor principal: Bandeira de Tóro

Editor RAUL DE LYZ ≡ Propriedade da Empreza da «Semana Portuguesa» (em organização) ≡ Rua Luz Soriano, número 94

Dr. Francisco Gentil

Á VOLTA DUMA CAMPANHA

Dr. Augusto Monjardino

Espanta, pasma e surpreende a ousada facilidade de certos seres, que sem especie alguma de gratidão, sem que lhes reste ao menos, uns palidos vislumbres de consciência, pretendem a todo o transe amesquinhar, caluniando, aqueles que pelo seu passado digno e recto, são credores a todos os tilulos da homenagem e do respeito de toda a gente.

Queremos referir-nos á campanha mesquinha e tendenciosa do director do jornal «O Século» sr. João Pereira da Rosa, a trez dos espoentes máximos da ciência da nossa terra que se chamam Francisco Gentil, Augusto Monjardino e Costa Sacadura.

Este trio como intencionalmente lhe chama o sr. Pereira da Rosa, tem felizmente para honra e brio dos portugueses a atestar a sua muita competência e profundo saber, o elevado conceito da opinião publica absolutamente em seu favôr, conceito êste adquirido à custa de trinta longos anos de exaustivo trabalho, honestissimo, cheio de dedicação e de estudo em prol da humanidade e da ciência.

São trez sábios, trez professores trez médicos distintissimos, altamente considerados em Portugal e no Estrangeiro e que dispensam em absoluto a defesa de quem quer que seja, porque estão de ha muito, consagrados, porque não precisam de ninguem.

E' extranho porem, que só passados dois anos, o sr. Pereira da Rosa, reconhecesse *pela sua muita sabedoria,* que estas trez celebridades médicas se tinham enganado no diagnóstico da sua doença e que apenas torna-se publica a sua indignação, depois de tanto tempo decorrido!

De duas, uma, ou o sr. Pereira da Rosa enraivecido e indignado pelo desaire do seu operador n'um concurso na Faculdade de Medicina, pretendeu vingar, aliás mesquinhamente *o seu benemérito salvador,* ou então, esquecendo o dever de gratidão e os favores que do dr. Costa Sacadura recebeu para si e para os seus, durante muitos anos, pretendeu aliviar uma *crise financeira,* tão frequente nos jornais, à custa do nome honrado de trez médicos que honram sobrema-

Continua na página central

ESTUDOS SOCIAIS

Não matarás!...

Um jornal matutino, trouxe-nos, há dias, uma notícia que tem tanto de deshumana como de comovente.

Refiro-me à electrocução dum nosso compatriota, na América das excentricidades, que tão depressa nos abisma com os seus loucos progressos, como nos impreciona com as suas revoltantes prepotências.

Por que matou, acha-se o Poder Público no direito de matar também?

Mas por mais que medite, nada vejo que justifique tão iníquo como inquisitorial procedimento. Com que direito dispõe o Estado, materialisado num vetusto código penal, da vida dos que vivem sob a sua jurisdição?

Por ventura esquece Ele que o direito à vida é um direito resultante da própria natureza humana, fundamentalíssimo da sua personalidade?

Pela sua própria razão de sêr, o direito à vida, não deve colocar-se à mercê duma ou outra política criminal. Pelo contrário, pela sua sublimidade, deve pairar muito acima de qualquér doutrina social.

O carrasco, investido num mandato legal, não passa dum homicída reincidente.

E se se executa quem matou, levados pela lógica, criar-se-ía um círculo vicioso, que a breve trecho desimaria tôda a humanidade.

E' preciso que na consciência universal se radique a convicção de que não há criminosos natos, incorrigíveis, refratários a qualquér regime salutar e de regeneração.

Pelo contrário, e os resultados estatísticos são concludentes, o que há, é criminosos passionais, loucos e ocasionais, êstes, muitas vêzes, vítimas da deficiente organização social em que vivemos, bem como doutros factores de ordem diversa (alcool, ociosidade e sifilis) que sôbre êles imperam.

Já noutro lugar defendemos que a pena, longe de sêr um castigo, uma retribuição, tinha uma finalidade mais útil e humana; deveria antes sêr um remédio, visto o delínquente não passar para nós, dum doente. Integrados nesta concepção, nunca podemos perfilhar medidas eliminadoras radicais, mas antes de correcção, de regeneração, de forma a poderem harmonisar-se com a constituição fisio-psiquica do infractor.

Se outras razões não houvesse, se outras considerações não pezassem na nossa consciência, bastavanos o espectro do êrro judiciário para nos levar a repudiar em absoluto, a pena de morte.

Só quem conhece a psicologia das testemunhas, a contingência da prova testemunhal é que pode aquilatar como é fácil falsear a verdade dos factos e chegar às conclusões mais contrárias.

E então, preguntamos nós: — será justo, racional e humano, que se faça dispender duma prova contingente, habilidosamente maliavel, vacilante, aquilo que nós temos de mais precioso, que tão intimamente está ligado à nossa existência que com ela se confunde.

E' por isso, talvez, que sancionando o brocardo romano «in dubio pro reo» nós entendemos que mais vale absolver um criminoso, do que condenar um inocente. E se nos fere, ao ponto de nos levar à revolta, a situação *reparável* dum penitenciário que na sua cela insalubre expia um delito, de que a sociedade o acusa, mas que êle não cometeu, apavora-nos ainda mais a situação irremediável daqueles, que inocentes, e vítimas duma sugestionável prova testemunhal, entregam, sem remissão a sua cabeça, como penhor da sua suposta culpabilidade.

Disse Voltaire, que administrar justiça é a mais bela função da humanidade. E porque assim é, é que nós nos insurgimos contra a pena de morte que apenas conspurca a nobreza dessa função, tomada no senfido dignificante da palavra.

Lisboa, Fevereiro de 1933.

SILVERIO R. FERRO

Bandeira de Tóro

Assumiu a chefia da nossa redacção o nosso presado amigo Carlos Bandeira de Tóro, que á «Semana Portuguesa» tem dado desde o seu primeiro numero valiosa colaboração.

Júlio das Farturas

Animado Salão de Festas do

PARQUE MAYER

cinema, variedades e orquestra jazz

Constantes e valiosas surprezas

Entrada grátis — Rigora selecção

ZARCO

Manteiga preferida

Primeiro prémio na Exposição Agricola e Pecuária do Funchal de 1930

A maior produção do País

Martins & Rebelo

Funchal—Lisboa

Los menores delincuentes y los tribunales de menores

POR

RAFAEL MONTORO

De nuevo vuelve a tratarse este importante asunto y de los tribunales de menores que como exigencia natural del tema, funcionan casi en todos los países civilizados, o se trata de establecerlos donde no existen todavía. Discútese actualmente en nuestras Camaras legislativas un proyecto de ley concebido para crear esos tribunales de acuerdo con las enseñanzas más autorizadas de la teoría y de la práctica. Y no puede olvidarse, sin grave injusticia que en la Comisión Consultiva que funcionó durante la segundo intervención americana bajo la presidencia del inovidable general Crowder, coronel a la sazón, uno de los miembros cubanos de la misma, el señor Regüeiferos, (D. Erasmo) hombre eminente por lu laboriosidad por su talento, por su saber y por su celo pocas veces igualado en todos los altos cargos que ha desempeñado, (Fiscal, Senador de la República, vocal de dicha Consultiva y Secretario de Justicia) a quien, no sí sabe si por ignorancia o por envidia, no se le rinde siempre toda la consideración que merece, presentó un proyecto muy luminoso y concienzudamente ajustado a la inmediata creación del referido Tribunal. El señor Regüeiferos, que es uno de nuestros penalistas más distinguidos, demostró en esa ocasión, como en otras de no menor importancia, su perfecto conocimiento de nuestras necessidades en materia de organización judicial, y su competencia poco común, acreditadas en trabajos de notable mérito y en Congresos Internacionales para la necesaria reforma, harta veces discutida, y que a los treinta años de República no se ha realizado aún ni siquiera bajo la forma modesta de una adaptación de nuestro Código Penal a las instituciones politicas que, más o menos «teoricamente», nos rigen. No alcanzó el tiempo para aquella laboriosa Comisión Consultiva, que dígase lo que se quiera por los maldicentes habituales, hizo una buena labor de la que dan testimonios las leyes que nos legó y que son después de todo las únicas promulgadas sobre tan importantes matericas como el régimen Municipal, el Provincial, la organización del Poder Judicial, la del Poder Ejecutivo, y el Servicio Civil y otras que omito en gracia a la brevedad, o porque no las recuerdam los mismos encargados de cumplirlas, no pudo dar establecido el Tribunal proyectado por el señor Regüeiferos. Y el Senado de la República ante el qual reprodujo, algo más tarde, su iniciativa dejó dormir el proyecto como otros muchos de positiva importancia en sus Comisiones o en su archivo, absorto en las tareas politicas y económicas proprias del torbellino revolucionario del que no acabamos de salir a pesar de los años transcurridos desde la proclamación de nuestra independencia y soberanía. Ignoro si para el nuevo proyecto se ha tenido o no presente, como parece lógico, el del ilustrado jurisconsulto oriental, y esperemos para juzgarlo a que se halle en camino de llegar a tener mejor suerte que su antecessor en nuestra historia legislativa.

Nos ha traído a la memoria estos antecedentes un nolable artículo de la revista jurídica portuguesa «Forum: quinzenario da vida juridica e forense» que tenemos a la vista, correspondiente al 31 de Octubre último, revista muy docta que se publica en la ciudad universitaria de Coimbra, célebre en los fastos académicos del mundo, bajo la dirección de los distinguidos abogados señores César Abranches (Coimbra), Felipe Ferreira (Lisboa), y Palma Carlos (Lisboa). El artículo, a que nos referimos se titula «Os menores delinquentes no codigo penal e na legislação tutelar», y es debido a la pluma del señor Vasco de Almeida e Silva, distinguido jurista que debe ser persona de alta competencia, a julgar por este substancioso trabajo. Empieza el autor recordando que el Código Penal Português reconoce como circunstancia atenuante (art. 39.º N.º 3), y hasta dirimente de responsabilidad criminal (arts. 41.º N.º 1, 42.º N.º 1 y 43.º N.º 1) la edad del reo, partiendo del principio de que no obstante que los elementos objetivos del crimen sean precisament los mismos, no así sucede con los elementos subjectivos, «por lo quem la responsabilidad del menor de 21 años o de un viejo de más de 70 años no puede ser la de un adulto en el pleno desenvolvimiento de sus facultades mentales». Y por eso el Código referido se muestra bien claro en esta orientación, cuando dice: «sólo puende ser criminales los individuos que tienen la necessária inteligência y libertad». Por donde se ve que el legislador, portugués, conforme con el insigne consúlto y polígrafo español Don Joaquín Costa, de imperecedera memoria entre las personas cultas, está algo distante del antiguo y exagerado principio de que la ignorancia del Derecho a nadie excusa. Considera, pues, dicho Código Penal, la menor edad como dirimente hasta los diez años siempre, y hasta los catorce también, si el menor ha procedido sin discernimiento; y como circunstancia atenuante desde los diez hasta los veintun años dividiendo êste período en três subperíodos (de diez a los catorce, de los catorce a los diez y ocho, y a los veinte y uno) para ajustar la pena a la gravedad del crimen atendiendo al creciente desenvolvimiento psicológico del menor. No es, según el señor Almeida Silva, que el Código Penal de referencia tome lá poca edad como causa determinante de un regimen adecuado y especial para los menores. La cuestión para el legislador português se presentó sólo bajo el aspecto «cuantitativo» de la duración de la pena con la preocupación casi exclusiva de estabelecer la proporcionalidad entre ella y el delito.

La legislación tutelar de «menores» que rige en Portugal dêsde 1911 por los Decretos de 27 de mayo de 1911 y de 15 de mayo de 1925 marca diferências fundamentales para con el Código de acuerdo con las tendências de la moderna criminología, estabeleciendo un régimen especial para los menores delincuentes hasta los diez años, basado en un sistema

Continua na página 22

AMBIC

NOVELA INEDIT

DE GUEDES DE AMORIM

IOSOS

O matrimónio tinha-os ligado, unido, mas os temperamentos, diversos, diferentes, colocava-os em frente um do outro como inimigos.

Marinélia obedecia ao marido com a mais serena honestidade, vendo nêle, não o homem superior, incomparável, que êle dizia ser, mas sim o homem que lhe havia mostrado o amôr e a tinha tornado mãi.

Amava-o calmamente, sem estremecimentos de alma, sem torturas de coração, como se ama o inevitável, o que tem de fazer parte da nossa existência até à hora da morte.

Marinélia acostumara-se a receber os dias e seus dramas sem revolta.

Era já orfã, quando Norberto Salgueiral, ainda estudante de engenharia, lhe fizera a côrte, entontecendo-a com frases ternas, meigas, quentes. Não esboçou sequer uma negativa, não soube nem quis recusar nenhuma das súplicas que êle lhe dirigia. E deixou-se enlaçar, muito, cada vez mais, até ao momento em que a deserção era já impossível.

Durante os primeiros mêses de casamento, unidas as bôcas na chama dos arrebatamentos apaixonados, viveram num sonho, até que veio a realidade...

E foi Norberto, com a sua voz cortante, dominadora, que arrancou a mulher do sereno viver para a vida tormentosa dos minutos pesados de censura.

Marinélia, escondida no seu amôr nascente, dia a dia desabrochando em intimas alegrias e profundos encantos, pagava sempre com sorrisos tristes as recriminações do marido. Possuia o espírito triste e resignado das mártires e das santas. Sentia que nenhum dos seus gestos, nenhum traço da sua vida, nenhuma frase, nenhuma intenção sequer, valiam um pecado ou um crime. E aceitava silenciosamente todos os protestos, tôdas as severas apreciações do marido, sem lhe opôr uma queixa ou uma lágrima.

Uma tarde asul de Abril, com a sua casa e a sua alma inundadas de sol, de felicidade, ela esperava o marido para lhe comunicar uma grande e bela notícia.

Norberto, ao entrar em casa, sem reparar na alegria que inundava o rôsto da esposa, franziu a testa, vendo que ela envergava um vestido vêrde, modêlo simples, e disse-lhe com maneiras desabridas:

— Vai mudar de vestido. Não sabes que eu não gosto dessa côr?

Marinélia não deu atenção à censura do marido. Correu para êle, ânsiosa, e lançou-lhe os braços ao pescoço.

— Que tens?

E ela, inclinando a cabeça, murmurou-lhe aos ouvidos o seu segrêdo...

Era mãi. Nessa tarde, sentindo tôda a festa primaveril que alastrava nas ruas e nos jardins, endominçando as pessoas e as árvores, Marinélia tinha sentido também os primeiros sintomas da maternidade.

E êle, sem um beijo, arrancou os braços que o enlaçavam.

— Vai mudar de vestido.

E ela foi, de cabeça tombada sôbre o peito, submissa, levando os olhos secos e parados, mas sentindo a alma amarfanhada de amargura.

■ ■ ■

Norberto Salgueiral era a ambição feita homem.

Tinha sêde de oiro e de celebridade. Consumia o tempo sem obedecer a caprichos de alma, sem sentir repugnância diante dos meios de que usava para vencer, para triunfar, sem sentir sequer a dôr e as lágrimas que o seu desmedído orgulho fazia correr.

Nem o amôr nem a amizade o preocupavam. Nem o respeito nem a estima o faziam deter. Só as suas ambições, as mais largas e diversas, o interessavam, fechando-lhe os olhos para a vida e para os interêsses dos outros.

Ao atingir a maioridade, sem motivo nem qualquer projecto que o significasse, exigiu a sua herança pela morte do pai, E pela vida fóra procedeu sempre assim. Indiferença úmedecida de ódio por todos, desprezando sempre os póbres e ignorados, procurando a companhia dos ricos e dos célebres.

No dia em que lhe morreu a mãi, não lhe correu pelo rôsto uma gôta sequer de pranto e de saüdade!

Serenamente, como quem prepara um negócio que exige atenção ponderada, mandou chamar o armador, inquiriu das despezas que se tornava necessário fazer; e, porque o cargalheiro não estava bem relacionado nos jornais a ponto de fazer publicar a notícia do falecimento, para lhe exibir o nome — preteriu-o por outro.

Nunca, nunca, Norberto Salgueiral deu um passo na sua vida que não fôsse com o interêsse ligado, bem ligado, ao dinheiro e à glória.

■ ■ ■

Alterando os seus hábitos, Norberto deixava agora de vir comer e dormir, muito freqüentemente a sua casa.

Quebrando a sua timidês, e saíndo por um instante da sua indiferença habitual, a esposa pediu, quási implorou, que não a deixasse só, abandonada, com o filho.

— A minha vida não se compadece com sentimentalidades. Preciso vencer! E. de resto, podes estar tranquila que ninguém te rouba...

E foi esta a resposta, brutal como golpe rápido e frio, que êle encontrou para sossegar o ânimo da mulher, que não olhava para mais ninguém, que não tinha olhos para mais ninguém...

Era, realmente, mais que absorvente, a vida a que se entregava agora o engenheiro Norberto Salgueiral.

Além do seu trabalho diário numa fábrica, de que era director técnico, queimava o resto do tempo, no escritório de Abel Pimenta, um advogado conhecido, falando de certo grande negócio, abordando a possível realização de um monumental empreendimento.

Trocava o descanso pelo aturado estudo da construção rápida do seu sonho, no qual se somavam tôdas as suas ambições. deixando que a sua fantasia seguisse um curso fácil, vertiginoso, sem se deter diante de obstáculos.

Uma tarde, Abel Pimenta, ambicioso à mesma altura de Norberto, declarou-lhe, transpirando alegria, logo qne o viu entrar no escritório:

— Temos o dinheiro de que necessitámos para instalar o Banco.

— O conde de Alderete sempre cedeu? — preguntou Norberto.

— Cedeu.

E abeirando-se do amigo, o advogado continuou:

— Convém, como sabes, usar do mais profundo segrêdo...

— Vamos lançar já mãos à obra. Depois... Depois, arranjaremos uma mina qualquer, lançamos acções no mercado... Convém, realmente, segrêdo.

O outro respondeu, numa voz velada, com ar de juramento:

— Segrêdo absoluto.

Fitaram-se num entendimento rápido, num conluio de interêsses misteriosos, e sorriram-se, alegres, satisfeitos.

Norberto rompeu a seguir o silêncio:

— Temos que consagrar, meu caro Abel, êste dia em que a sorte nos começa a sorrir.

— Combinado.

— Vamos jantar ao Estoril.

— Ótima idéa. Levamos as raparigas. Tu telefonas à Zizi...

Ao acabar estas palavras, Abel Pimenta, fitou o amigo, com ar claramente contrariado, e batendo-lhe no ombro, disse-lhe:

— Um grande obstáculo!...

— Que há?

— A tua mulher telefonou para cá, pedindo-me para te dizer, logo que chegasses, que o teu filho peorou, e para ires imediatamente a casa.

— Ora adeus! Uma insignificância!

E, gargalhando, revelando bem todo o seu cinismo, Norberto respondeu que a doença do filho não tinha importância, que não era preciso adiar o jantar do Estoril, acabando por estas palavras:

— Não, caro Abel, não vou hoje a casa. Amanhã temos tempo...

E, levantando-se, abeirou-se do telefone, e concluiu:

— Vou já telefonar á Zizi, para estar pronta daqui a meia hora...

...E, do lado de lá do aparelho, a frívola Zizi, quando compreendeu definitivamente o convite do amante — agradeceu-lho com um beijo.

■ ■ ■

Grande, imensamente grande era o sonho de Norberto Salgueiral e de Abel Pimenta em fundar o Banco, e, mercê do franco auxílio do conde de Alderete, o sonho tornou-se, ràpidamente, uma realidade, uma assombrosa realidade,

Os jornais, os maiores jornais do país, espalharam aos quatro ventos o capital realizado. Uma cifra considerável. Imediatamente, a indústria e o comércio, confiando na solidez da nova casa bancária, correram a confiar-lhe os seus depósitos. E, em pouco tempo, no curto espaço de um ano, começou o Banco a merecer o mais alto e forte crédito de tôdas as entidades financeiras.

Para Norberto, mais do que para Abel Pimenta, tôda a sua vida se consubstânciava na actividade, cada vez mais crescente, do movimento económico da empreza a que metera ombros.

Deixara por completo de aparecer em casa. A sua vida afectiva, a sua vida de coração, era compartilhadada com a amante, a loira e endiabrada Zizi, que lhe devorava dinheiro e todo o tempo disponível.

De sua mulher, pouco ou nada sabia, limitando-se a receber os telefonemas que ela lhe dirigia, informando-o da vida do lar, da saúde do filho, das necessidades que tinha.

No fim de cada mês, mandava-lhe por um continuo, algumas centenas de escudos, fechados num envelope sem um cartão sequer, como se lhe mandasse pagar o seu silêncio de resignada...

Agora, as suas ambições de enriquecer, de enriquecer como ninguém, estavam em marcha, em correria permanente, dando-lhe a certeza duma grande e eterna fortuna.

Para ir mais longe, até onde a sua fantasia de megalonamo o queria levar, não hesitava um segundo em tentar os negócios mais arrojados, os empreendimentos mais audaciosos.

Abel Pimenta, embora compartilha-se com o amigo da direcção do Banco, obedecia-lhe sempre, confiando na sua inteligência, no seu atrevimento, no seu espírito financeiro,

E, de comum acôrdo, começaram a aproveitar o dinheiro dos depositantes para negócios de tôda a ordem. Financiaram estabelecimentos, compraram acções de diversas companhias, entraram nos mais atrevidos negócios.

E parecia que a esquiva Fortuna, vencida de simpatia por êstes dois audaciosos, protegia os seus desejos, coroando, constantemente, de nuvens de dinheiro os seus projectos.

Mas chegou, por fim, um dia estranho, cinzento, em que a borrasca foi anunciada... Um semanário que tratava de assuntos escandalosos, lançou a primeira pedra, insinuando que Norberto Salgueiral e Abel Pimenta, excedendo as suas responsabilidades, para conquistarem fortunas próprias, se aproveitavam do dinheiro alheio, do dinheiro do Banco, para negociatas pessoais.

Estava apontada a rampa por onde deviam descer os dois amigos. Os diários, movidos por influências directas e indirectas, trataram também do assunto. dando-lhe um grande desenvolvimento. E mais não foi preciso para que, no espaço relampejante de um só dia, se registasse uma corrida ao Banco, que terminou, instantaneamente, por uma quebra de pagamentos.

■ ■ ■

Norberto Salgueiral e Abel Pimenta, acusados, com provas esmagadoras, de terem abusado do dinheiro alheio para interêsses individuais, foram presos, e, sôbre êles, todos os jornais dospejaram acusações negras, pesadas, de que não podiam de modo algum defender-se.

Sentindo ainda forte o seu arca-

Conclue na página 00

Carta da Semana

Engrácia. Já previa ao escrever-te,
Que não ias na conversa, de grevista;
Não nasceste eu bem sei, p'ra socialista,
Ao mundo não vieste, p'ra perder-te.
Estás habituada, ao lindo dinheirinho,
Ganho pelo teu homem, com nobreza;
Não falas em francês, és portuguesa,
Queres ter amôr, a nota, e maridinho.
Mas tens razão, o que é ruim não presta,
Mais vale ser honrado à custa do suor;
Mas ter à nossa espera um beijo só d'amor,
Guardado para nós, pela mulher honesta.
Mas vou contar-te agora, a grande novidade,
Que faz ter arrepios, causar até pavôr;
Não se distingue aqui, o burro do doctor,
Existe o paralelo e quási a egualdade.
Imagina tu amôr, havia aqui tonantes,
Espécie de curandeiros, uns grandes malandrões;
Dizendo qu'eram médicos, os grandes aldrabões,
Abriam as barrigas, ficando como dantes.
Alguns p'ró cemitério, não julgues que são contos,
Lá iam coitaditos, resando p'la ciência;
Que os leva dêste mundo, numa forçada ausência;
Em marcha acelerada, talvêz a nove pontos.
Parece que te vejo, tristonha apavorada,
Resando pelos mortos que fôram, e partiram;
Que da familia nem sequer se despediram,
Numa viagem — mistério que não esperavam.
Acredita Engrácia, porém na minha jura,
Se um dia uma doença me prostrar;
Quero ir na crença á cova a enterrar,
De que morro por doença e não da cura.
Por hoje não te conto nada mais,
Dá saudades lá na terra à Anastácia;
Com isto que te conto não desmaies,
Até d'hoje a oito dias minha Engrácia.

LARAMA

BRAZ & BRAZ, L.da

Casa Fúndada em 1777

Louças, vidros, esmaltes, metaes, folha, zinco, talheres e artigos de fantasia

Vendas pelos preços das fábricas

Revendedores do esmalte Guerreiro

Armazem de vendas por atacado e a retalho

Travessa Nova de S. Domingos, 36 a 42-1.

Telefone 2 7983

LISBOA

ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFIA E RADIOGRAFIA COMISSÕES

"AGFA,,
"CONTAX,,
"LEICA,,
"KODAK,,

RUA DA PRATA, 135 E 137 Telefone 2 2502

LISBOA

RUA 31 DE JANEIRO, 65 Telefone 4508

PORTO

OS MEDICAMENTOS

Sanitas

são hoje preferidos em todos os

HOSPITAIS

// CARICATURA DA SEMANA //

Interpretação de Teixeira Cabral

Dr. Bissaia Barreto, ilustre médico que há ciência se tem devotado de alma e coração. A «Semana Portuguesa», apresenta ao iminente sábio, as suas homenagens.

DUPLICADORES
GESTETNER

Maquinas de escrever, comerciais e portateis **Kappel**

Fitas, papeis quimicos, papeis para Duplicador, Oficina, etc.

A GESTETNER LD.A

Lisboa — Rua da Conceição, 125 — Te- —lefone 2 2628 —

Porto — Rua Passos Manuel, 249 — Te- — lefone 5419 —

ROCHA, AMADO & LATINO, LTD.

Ferragens para construcções, Moveis, Ferramentas para todas as artes e oficios. Parafusos e Pregaria. Metais anti-fricção Pedras e rebolos de grês e de esmeril. Folha —— de Flandres ——

13, Rua Nova do Almada, 15

Telefone 2 2256

Arames de todos os calibres e qualidades. Redes e teias metálicas para todas as aplicações. Trabalhos de arameiro em todos os géneros. Completo sortimento de torneiras, Tubos e acessórios de ferro —— preto e galvanisado ——

54, Rua da Boa Vista, 54

Telefone 2 2255

LISBOA

PÁGINA LITERÁRIA

POEMA

De um ôvo,
(Diz o povo)
Pode nascer uma pomba
Ou um condôr!...
É quem arromba
Avidamente
A porta do amor,
Não se lembra certamente
De que pode
Lobrigar uma serp nte!...

—Mas que im orta
Se quem arromba a porta
Encontra o seu caminho
Aberto para a vida?!...
Quem tem Fé,
Nunca vê
A sua esperança perdida!

— O sêr,
Que um outro sêr anima
E' uma pantomima?

— Não!

Então,
Minh'alma tem razão
E diz:

— Caminha sempre
Pelo bom caminho
Que serás feliz!
Lança mão
Da tua Lança...
Quem tem Fé
Nunca vê
Perdida a Esperança.

JOÃO NETO

Do livro a sair *Moinhos de Vento*

A ILHA DOS REVEZES

Lusos nautas, do mar herois gigantes,
á «ilha dos amores», — foram guiados
por Venus que — já tinha — preparados,
lautos festins, honrando os navegantes.

— Tetis e as suas ninfas delirantes
os acumulam de mimos delicados,
como glória aos seus feitos celebrados
de que, em bateis, chegaram triunfantes!

Mas agora, — ao invez — dos portugueses
as frágeis náus de inglórias lutas vindas,
sòmente ancoram n' «a ilha dos revezes».

Pois que as ilhas dos amores são lindas
glórias que os deuses cedem, raras vezes,
aos herois, quando as lutas dão por findas.

SANTOS CRAVINA

A MINHA MÃE

Vou deitar o coração
Ao mar negro, ao mar profundo;
Pois jámais quero que o mundo
Ria de tanta paixão.

O meu mal é tanto, tanto,
E' tam grande o meu penar;
Se choro, julgo que canto,
Se canto, julgo chorar,

Puz-me a cantar a uma santa
A cantar me respondeu:
O' trovador canta, canta,
Que Alguém te ouviu no céu.

No mundo tenho um desejo
— desabafar faz-me bem —
Qu'ria pôr azas num beijo
E manda-lo a minha Mãi.

O' minha mãi, minha mãi,
Minha mãi do coração;
Eu quero sêr enterrado
Juntinho do teu caixão.

ARNALDO TEIXEIRA

Do livro em preparação *Cantares dum Português.*

Lêr a «SEMANA PORTUGUESA»
é conhecer os assuntos palpitantes da semana

C·I·N·E·M·A

S. Luiz — «Minha mulher não quere têr filhos» — Film extraído do conhecido romance de Clément Vautel que quer pelo interêsse e graça quer pela tecnica e escolha dos interpretes, em nada corresponde, à obra literária.

E' de lastimar que o assunto realmente interessante, fôsse focado com tanta banalidade.

Na protagonista, Marie Glory, artista tão apreciada do nosso público, desempenha um papel que não se coaduna com a sua graça «mignone», não resultando por isso uma interpretação à altura dos seus creditos e do seu tipo de mulher.

Os outros regulares, se bem que deslocados dos seus habituais papeis.

Realização de Hacs Fternhos.

V. C.

Helen Hayes a quem coube o prémio da melhor attista de 1932 pelo seu desempenho em «O Pecado de Madelon Claudet», uiando um simples vestido de tarde, de taffetá, cujo unico ornamento é um triplice folho que aparece no fim da saia

Tivoli — «Ave do Paraizo» — A natureza, inspiradora orgulhosa das grandes obras de arte, têve em King Vidor, realizador extraordinário, um prescutador incansável de toda a doçura dos seus panoramos, de todo o ritmo das suas musicas e silencios.

«Ave do Paraiso» é bem um incentivo á vida.

Longe do buliço das cidades, n'essas ilhas perdidas da Polynesia, não faltou uma ave, figura de mulher, que no momento em que a exuberancia da seiva da vida reclamou um maior espalhamento de energias, estremeceu fundamente num contacto intimo, de verdade e de amôr.

A fotografia, um dos principais motivos de agrado do film, tem no corpo lindamente moreno de Dolores del Rio, uma das suas mais belas e mais vivas imagens.

Joel Mc. Crea bem num galã simpático e apaixonado.

A. F.

Odeon — «O rei dos policiais» — A historia dum gatuno, um tal Jach, perseguido pela policia e que ao espectador não disseram quem era.

A acção decorre monótona e sem o dinamismo próprio destas produções.

Depois de várias peripécias, onde não faltam punhais e revolvers, Jach, e finalmente apanhado, indo Cross, o rei dos policias, receber o prémio de mil libras.

O pùblico que foi quem perdeu procura atenuar a sua perca admirando a engraçada Rosarito Bruna.

A. F.

C·A·R·T·A·Z

S. Luiz — ás 21 — «Agulha em Palheiro».
Tivoli — ás 21 — «Vingança de águias».
Ginásio — ás 21,30 — «Amante improvisado».
Central — ás 21,30 — «A frente invisivel».
Condes — ás 21,15 — «A mulher do meu noivo».
Olimpia — das 15,30 ás 24 — «A Fera da Cidade», «Alegre Madrid», e «A Divorciada».
Chiado Terrasse — ás 21 — Melodia Cubana».
Royal — ás 21,30 — «Amante improvisado».
Odeon — ás 21 — «Alvorada do amor».
Lys — ás 21,30 — «Onde está minha mulher».
Palacio — ás 21,30 — Alvorada do amor».
Paris — «Frankenstein».
Europa — «Um sonho dourado».
Promotora — «Mata Hari».
Cine Rocio — Arco do Bandeira.
Palatino — Santo Amaro. — Films sensacionais.
Salão Portugual — C. da Memória.
Belgica Cinema — R. da Beneficencia.
Max Cine — Rua Barão de Saborosa.
Coliseu — ás 21 Grande Companhia de Circo.

LAMPADAS PHILIPS
POUPAM A VISTA E O CONSUMO DE CORRENTE

+ SAÚDE PUBLICA +

Á VOLTA DUMA CAMPANHA

(Continuação da 1.ª página)

neira a cirurgia Portuguesa!...

Não discutimos se o sr. Pereira da Rosa foi de facto infeliz na intervenção cirurgica do dr. Augusto Monjardino, conquanto estejamos convensidissimos da muita proficiencia dêste ilustre operador, o que discutimos é a maldade do sr. Pereira da Rosa ao atacar a personalidade do homem a quem deve centenas de favôres e que no periodo da sua doença se limitou tão sómente a auxilial-o **com amisade e desinteressadamente** levando-o ao Estrangeiro e apresentando-o aos seus colegas que são considerados sem sofisma, as melhores lancetas portuguesas.

Semana Portuguêsa que á causa da Saúde Publica tem emprestado o máximo do seu esforço e da sua colaboração com o auxilio é certo da briosa classe médica portuguêsa, não poderia de maneira alguma deixar inocular no publico o venêno calunioso d'uma campanha, sem o seu mais veemente protesto de indignação e de revolta.

Procurámos no seu gabinete da Maternidade de Magalhães Coutinho o eminente cirurgião seu director sr. dr. Costa Sacadura.

Recebe-nos com a gentileza que caracterisa os grandes caracteres, com a modestia e afabilidade que define as almas bôas.

—Perguntamos-lhe: Dr. a que atribue V.ª Ex.ª uma campanha que em nosso entender não tem nome que a defina, nem razão que a justifique?

—Não o sei francamente, revela tão sómente maldade e ingratidão.

—Pensa V.ª Ex.ª defender-se ou antes despresa quem a encetou?

—Não lhe dou entrevistas pelo menos por agora, não quero mesmo que uma palavra minha, sirva de resposta para êsse senhor; tanto mais que a campanha em si não me molesta o mais simplesmente porque a desprezo, desgosta-me apenas a ingratidão do homem que me deve favôres e de quem fui amigo.

Mas, nem diga êste pouco que lhe disse, nem o muito que vai vêr. Mostrolh'o muito particularmente, como amigo, mas sôbre o compromisso de que nada publicará sem que eu o auctorise.

—Concordámos e francamente nunca nos pesou tanto na consciência a nossa palavra comprometida. Teriamos bagagem mais do que suficiente para demonstrar publicamente a ingratidão do sr. Pereira da Rosa.

Enfim poderá sêr que muito brevemente lhe possamos responder muito à letra, diz o ditado que atraz de tempo, tempo vem.

Ilustra a nossa capa a Foto do dr. Costa Sacadura gentilmente cedida à Semana Portuguêsa e na sua primeira pagina as dos srs. drs. professores Francisco Gentil e Augusto Monjardino.

A nossa pagina de saude publica é consagrada à Maternidade de Magalhães Coutinho de que é muito ilustre director.

Desde o pessoal de Enfermagem ao pessoal auxiliar, desde a doente categorizada á mais humilde, todos sem excepção alguma nos afirmam a sua repulsa pela campanha de «O Século» e nos falam com carinho e amisade do dr. Costa Sacadura.

Sensibilizam-nos as palavras de toda esta gente, que na sua simplicidade ignora quanta maldade existe no coração de certos homens que em bem má hora nasceram para a vida e para o mundo.

Mas vá lá mais alguns dados sôbre o homem tão deshumanamente agravado pela colera do sr. Pereira da Rosa.

A par da sua profissão tem empregado o mais eficaz dos esforços na creação de Maternidades em Lisboa. O seu nome anda ligado a quasi todas.

Ao seu esforço, à sua inteligencia, e ao seu espirito de organizador se deve em grande parte a creação dêstes estabelecimentos, cujos beneficios a favôr dos humildes nunca serão demasiado encarecidos.

Durante muito tempo deu o seu esforço à Maternidade de Santa Barbara.

A creação da Maternidade de Magalhães Coutinho, deve-se-lhe em grande parte. O serviço de partos dos Hospitais Civis, realizado em 1927 conseguiu ser um serviço admirável à custa de um grande esforço que ali desenvolveu.

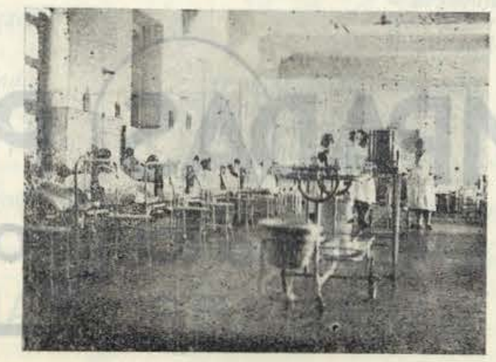
Com o seu prestigio e ajudado de alguns dos seus colaboradores conseguiu de uma subscrição particular a importância de cerca de 52.000$00 que ali foram empregados em adaptações das antigas aguas-furtadas até poderem ser aproveitadas como instalação digna.

Em 1931 foi o serviço transformado na actual Maternidade de Magalhães Coutinho de que inserimos alguns permenores, e onde a sua acção continua.

A Maternidade Bensaúde obra de assistência particular, subsidiada pela bolsa generosa de Vasco Bensaúde, e que realiza um objectivo unico entre nós, de amparo e agazalho às raparigas gravidas e abandonadas, é sob sua inspiração directa um abrigo generoso de tantas victimas da perversidade social. Na Maternidade Dr. Alfredo da Costa onde dirige a secção de gravidas, continua o seu espirito de organizador, a revelar a sua competência e o seu zelo de bem servir. Modelarmente instalada honra os seus fundadores e causa orgulho de quantos portugueses a visitam.

Despreciando o esforço de um homem que tem um passado digno de trabalho inteligente e honrado, atestado por uma obra cheia de grandeza, rasteja a serpente de ignominia, bolsando às claras um vomito negro, e na sombra, um vomito bilioso da mais vil pessonha — a da inveja e do despeito.

CARLOS DO AMARAL



Sala dr. Abilio de Mascarenhas

Maternidade Dr. Magalhães Coutinho

Sala dr. Alfredo da Costa

Costa do Sol

Em serviço oficial da Semana Portuguêsa, seguiu para os Estoris o nosso secretario de Redação que vae por nós incumbido da organisação dum número especial de propaganda de turismo da linda Costa do Sol.

Semana Portuguêsa, roga para o seu representante a consepção das maiores facilidades para bom desempenho da sua missão.

FOI

visado pela C. de Censura

T·E·A·T·R·O

POLITEAMA — Reposição da revista *O dia dos Romeiros*.

O inteligente e simpático empresário José Climaco recentemente chegado do Pôrto onde a sua companhia foi recebida com exito, novamente repôs em cêna nêste teatro esta revista de cunho acentuadamente português, que só por isso nos merece toda a simpatia, apresentando-se despretenciosa e cuja musica é o mais popular possivel.

Colorido vivo do que são as nossas lindas romarias, onde reina a alegria só do nosso pôvo e felismente sem aquela linguagem depravada que em teatro do mesmo genero, temos tido ocasiao de lamentar tanta vêz.

O acolhimento que de nôvo o publico lhe prestou, é bem a prova evidente que se sentía satisfeito e bem disposto, sublinhando com aplausos cada frase de espiritos, ou cada número musicado em que a alma portuguêsa só póde compreender o seu ritmo.

A nova interpretação, deu-lhe mais valôr que na sua primeira representação onde os papeis não estavam bem entregues, tomando-a por vezes monótona e sem a graça que actualmente lhe encontramos, destocando-se assim, Cremilda de Oliveira, Soares Correia que nos deu um melhor compadre, que na sua primeira representação estava confiado a outro artista, a figura gentil de Elisâ Correia, e egual adjectivo á Maria Amelia.

Não sendo um apaixonado pelo fado por temperamento e por farto que estou de o ouvir a cada canto do nosso país, ouvi-o cantado por Zulmira Miranda sem cançasso, dando-lhe o cunho verdadeiramente português.

Desenhadas com inteligência as rabulas confiadas ao Gil Ferreira Jorge Gentil e algumas de Alberto Miranda.

Miguel Orriço, fez ouvir a sua bôa vóz de baritono e os restantes fizeram o possivel por agradar.

Finalmente Litle Esther, a bailarina negra, rival de Josefina Baker que ouviu da parte do publico os aplausos a que tem direito não só pela sua graciosidade como pela notavel interpretação que deve aos seus numeros de dança.

E' pois de esperar que má bilheteira, se façam sentir os bons efeitos que a reaparição do «Dia das Romarias» causou.

T. M. B.

Diz-se

◆ Que o actor empresário Estevam Amarante tomou conta de todos os teatros da cidade Invicta com o fim de que Luiza Satane a não podesse aparecer ao publico Portuense, fechando-lhe o seu projecto, por José Climaco ter cedido o Carlos Alberto ao empresário Antonio Mancêdo, até ao fim do mêz de Fevereiro.

A sêr verdade é para lamentar!

◆ Que até no grande Hotel do Pôrto essa simpatcia Artista foi mal recebida por parte do seu proprietário e algumas vezes empresário.

◆ Que a revista O Fim do mundo é de molde a dár-se de facto êsse cataclismo na casa de espectaculo onde vái aparecer.

C·A·R·T·A·Z

S. Carlos — ás 21,30—1.ª representação da comédia «A madrugada».
Nacional — ás 21,30 — «O Diabo Azul».
Trindade — ás 21,30 — A farsa «O filho do Rei dos Pregos».
Avenida — ás 21,30 — A comédia «O noivo das Caldas».
Politiama — ás 20,45 e 22,45 — A revista «O dia das Romarias».
Apolo — ás 20,45 e 22,45 — A revista «Pé Descalço».
Variadades — A farsa musicada «A Menina Amélia».

Nem todos os bébés bonitos são bébés NÉSTLÉ, mas todos os bébés NÉSTLÉ são bebés bonitos.

Pelo Sport

O Sporting mantem-se na frente da classificação no final da primeira volta do campionato de foot-ball de Lisboa

Carlos Silva batido pela segunda vez pela avançada leonina

Terminou hoje a primeira volta do campionato de Lisboa com a seguinte classificação:

1.º	Sporting	25 pontos
2.º	Bemfica	22 »
3.º	Belenenses	21 »
4.º	Casa Pia	19 »
5.º	Barreirense	18 »
6.º	Luso	18 »
7.º	União	17 »
8.º	Carcavelinhos	17 »
9.º	Chelas	13 »
10.º	Sacavenense	12 »

Chelas e Sacavenense por serem os ultimos classificados são eliminados do campionato segundo os moldes em que o mesmo é disputado.

Belenenses 5 Carcavelinhos 1

Jôgo de cartel. Belenenses confirma os prognósticos que lhe eram favoráveis vencendo por bôa diferença o seu perigoso antagonista.

J. Ramos, Rodolfo e J. Luís foram os autores dos goals por banda dos azuis e Oliveira e Siva por parte dos alcantarenses.

Em Reservas e 3.as, vitórias do Carcavelinhos, em 2.as vitória do Belenense.

Uma avançada dos «leões» inutilisada pela defesa «unionista»

Bemfica 6 Sacavenense 1

Vitória fàcil dos vermelhos que fizeram 3 goals em cada parte, por intermédio de Rogério, Vitor, Xavier, Pinto e Correia, contra um dos adversários marcado aos 30 minutos da 2.ª parte por Manoel Rato.

Casa Pia 0 Luso 1

Contra a espectativa geral, Luso foi o vencedor pela diferença minima. O Casa Pia que dominou do princípio ao fim não conseguiu sequer o empate a-pesar-de várias vezes ter tido o «goal» à vista.

O Luso que conseguiu de penalty, marcado por Pireza, o seu unico goal, soube manter até final a vantagem conseguida que lhe deu a vitória.

O Casa Pia venceu em reservas, 2.as categorias, respectivamente por 8-1, 7-0 e em 3.as por falta de comparência.

Sporting 3 União 0

Jôgo disputado em Santo Amaro e que foi presenciado por uma fraca assistência do encontro. O Sporting apresenta-se sem Dyson, Mourão e Faustino. O União alinha completo.

O Sporting joga a favôr do vento, acercando-se com insistência das balisas de Carlos Silva.

O União dá sempre a réplica, conduzindo avançaçadas de bôa marca. O jôgo está duro, entrando por violência.

Os ultimos minutos da 1.ª parte são assinalados pelo primeiro «goal» do Sporting.

José Luis, frusta um goal certo

Portuga

As exposições: Retrospecti
guesa no ano de 1881 –
em 1884 — A Industrial
mo ano — A da cidade
nida da Liberdade em 188

EM 1881, por decreto de 22 de Junho, através do gabinete de que faziam parte Rodriuges Sampaio e Hintze Ribeiro, foi dada a publico e realisação em 1882 da «Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola» protegida pelo rei D. Luis, e sob a presidência de D. Fernando.

A exposição celebrada em Novembro de 1881, conservou-se aberta ao público até fins de Janeiro de 1882, no Museu Nacional de Belas Artes, onde foram admiradas magnificas coleções de artigos fabricados até fins do século XVIII da arte portuguesa e da espanhola, tendo as coleções desta última figurado já anteriormente numa exposição de Londres.

A organisação do cértame foi confiada a uma comissão, da qual faziam parte o Conde de Ficalho, António Augusto d'Aguiar, Carlos Relvas, José Simões de Almeida Junior, escultor. José Luís Monteiro, arquitecto, Teixeira de Aragão, Augusto Palmeirim, director do Conservatório Rial de Lisboa, e outros.

Em seis meses de trabalho extenuante, conseguiu a comissão nomeada reunir um variadíssimo número de objectos, que constituiram um verdadeiro tesouroartístico: ourivesaria, metais preciosos e joias de grande valôr, obras de metais não preciosos, armas, cerâmica, vidros e esmaltes, mosáicos, mobiliário, relógios, instrumentos músicos, que eram apresentados pelo seu aspecto artístico, tecidos bordados, encadernações artísticas, miniaturas, coiros estampados, pintados, doirados e prateados, manuscritos iluminados, fotografias, etc. Em suma, tudo quanto se poude colecionar no país, e que estivessa dentro do espírito do certame.

Muito concorreram para o deslumbramento e riquesa desta exposição, nunca mais realisada no nosso país, as magnificas coleções cedidas pelo Duque de Palmela, Bobone Sampaio, Fernando Palha, Francisco Ribeirc da Cunha, D. Fernando e condessa d'Edla, várias bibliotecas e a Tôrre do Tombo com os seus códices, a Academia Rial de Belas Artes de Lisboa, o extinto Convento de Mafra, e a Sé Patriarcal.

As salas do Museu eram designadas por letras, sendo a letra F a D, Fernando à condessa d'Edla, que as suas ainda hoje faladas coleções de elevado valor artístico. Seguia-se a esta a sala E, chamada a da «Cerâmica» que dava à exposição a característica acentuada internacional, pois que nela se viam representadas a Itália, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Inglaterra, Suécia, Espanha, China, Japão, Austria, Dinamarca e Portugal.

Veio depois a «Exposição Agricola da Rial Tapada da Ajuda» em 1884, que pela sua importância não queremos deixar de fazer uma referência especial.

O certame que não podemos classificar de perfeito tecnicamente mas sim uma organisação onde existiu muito boa vontade e método, conseguiu reunír tudo quanto em Portugal, demonstrasse o avanço da nossa agricultura.

Uma grande parte dos expositores tinham já as suas recompensas, e não pequenas, obtidas em exposição estrangeiras, o que foi motivo para franco reparo dos visitantes do cértame.

As várias e variadíssimas secções da exposições abrangiam um vasto plano e um conhecimento perfeito de tudo quanto possuíamos. Nelas estavam representados os vinhos, produtos fermentados e seus derivados, produtos limentícios, industriais e comerciais, legumes e hortaliças, conservas, condimentos, lacticínios, mel e cêra, forragens, azeites e outros óleos, matérias

ZIG-ZAG
MARCA MUNDIAL

O único papel de fumar que — não afecta a garganta —

Tambem temos tubos em caixas de 100

Acautelem-se com as imitações grosseiras, provenientes de outros países, as quais sendo muito parafinadas, dão cabo da saúde.
Peçam tabelas aos seus agentes gerais em Portugal

CASA HAVANEZA — 24, Chiado, 25
LISBOA

Silva Leal, Limit.

R. dos Fanqueiros, 65 — Tel. 26363

Agentes do café brasileiro de **M. C. Kinlay & C.ª** e importadores directos de chá nacional e estrangeiro, tapiocas e especiarias

Expositor

de Arte Ornamental Portu-
Agricola, na Tapada da Ajuda
cidade de Guimarães no mes-
Porto em 1886 — A da Ave-
e a de 1893 e 1898 em Lisboa

texteis e vagetais, animais, tinturais e plantas medicinais, plantas ornamentais, gados, animais domésticos, aves, motores e máquinas agrícolas, adubos, máquinas e aparelhos de lavoura, material vinário, habitações rurais, oficinas e armazens, explorações florestais, etc. etc.

Nesta exposição começou a compreender-se que a demonstração de fabrico é da máxima utilidade para o estudioso e mesmo para o curioso. A Quinta Regional de Sintra assim o entendeu pondo em acção uma ceifeira que ceifava o trigo, o enfaixava e atava à vista do público, além da instalação de uma leitaria onde a manteiga era fabricada, mostrando as fases por que o leite ía passando até se converter no rico e precioso alimento.

Os gados tiveram nesta exposição larga representação, sendo notáveis os exemplares da raça cavalar árabe e inglesa, e os de raça bovina Ayrshire e Alderney.

As matas nacionais não corresponderam à sua riquesa florestal.

No entanto, o Bussaco apresentou uma valiosa coleção de madeiras de construção, que em conjunto com as cartas das matas do país, organisadas pelo engenheiro Pedro Roberto da Cunha e Silva e por Bernardino de Barros Gomes, davam com a coleção interessantíssima de insectos parasitas dos pinheiros, organisada por Sousa Pimentel, como subsídio para o estudo das doenças dos nossos pinhais à respectiva secção certo e determinado brilho.

Figuraram nesta exposição várias amostras de tabaco, cultivado no norte nos anos de 1882 e 83, sob regime experimental, pela Comissão Anti-filoxerica do Norte e por um prático francês. Destas amostras, as que correspondiam ao ano de 82, tiveram como preparador Almeida Beja, do Pôrto, sendo consideradas como as melhor preparadas depois de 3 anos de ensaios. As restantes foram expostas como preparadas pelo sr. Mesada da Havana e pelo sr. Goulon preparadores especialistas de tabacos, mas que deram resultados muito inferiores às preparadas pelo portuense.

A rainha D. Maria Pia tornou esta exposição um dos pontos de reunião preferidos pela alta sociedade, organizando no recinto uma quermesse a favor dos pobres. Varias barracas se instalaram com o mesmo fim, onde eram vendidos os mais variados objectos por actores e fidalgos, havendo até quem se encarrega-se da venda de jornais. Não é o exager o citar que num só dia estas instalações chegaram a apurar 30 contos para beneficentes!

Nêste mesmo ano de 1884, o Dr. Alberto Sampaio, Antonio Coelho da Mota e o Dr. Avelino da Silva Guimarãis, inauguraram em Guimarães uma exposição industrial, constituida por 42 classes, com o fim de impulsionarem as industrias de cutelarias e cortumes, que se encontravam num perfeito estado decadente por falta de conhecimentos de estimulo.

Para acudir á situação, e devido a que acabava de secelebrar, Guimarães contou imediatamente com uma organização escolar de artes é oficios, que levou ao industrial e operario os conhecimentos necessários para que pudessem progredir sem receios. as industriais que tendiam a desaparecer.

Dois anos depois, em 1886, o Pôrto abria a «Exposição Industrial do Pôrto» Nela figurou a Imprensa Nacional com várias maquinas. As mais interessantes, para a epoca, eram uma cópia de uma maquina «Steiner» que fundia-tipo, e uma «Dutartore» de impressão a duas

Continuu na página 20

Concorram às operações na bolsa de mercadorias onde realisam as suas compras e vendas todos os organismos dependentes do Estado.

MARGARINA TRICANA

Para cosinhados e bolos, exija esta excelente marca analisada

Três outras, para a indústria

Fábrica Nacional de Margarina

Rua dos Correeiros, 152 — LISBOA

O SALSA

Há muitos dias que o meu amigo Salsa andava frio comigo. Desde aquela oração á Pátria, tão mal sentida por mim, que êle me não falava do Vasco da Gama, do Afonso de Albuquerque e dos outros descobridores e herois Pátrios.

O meu amigo Salsa, só cospe por... distração e quando cospe fica envergonhado a olhar para mim e diz numa voz triste:

—E' doença...

—Não, amigo Salsa não é doença, é vicio e os vicios são mais difíceis de curar do que as doenças...

Seja persistente, seja homem, lembre-se dos Herois da História quando fôr a cuspir. Por exemplo, você vae para cuspir e záz, em vez de cuspir diz:

—Camões.

O amigo Salsa sorri-se, põe o peito para fóra, estende-me a mão, amachuca-me os cíncos dedos e exclama:

—Está dito, meu querido amigo, Crrrr, Camões!..

—Sim senhor, ainda o hei de vêr um português civilisado, um português que não cospe para o chão.

O Salsa despede-se de mim com o ar mais feliz que póde têr um Salsa e ao voltar a esquina, grita n'um voz de aluno que sabe bem a lição:

—Até amanhã, Camões, Camões!

◆

Um amigo do Salsa, que cospe para o chão, veio um dia lêr comigo e disse-me numa voz triste, tão triste como os sinos em dia de finados:

—O pobre Salsa, endoideceu!...

Olhei para êle, espantado e disse-lhe para o animar:

—Não pense em tal, o Salsa está melhor que nunca...

—Não diga isso... Pregunto-lhe qualquer coisa e êle só me responde—Camões. Vae no carro para a Graça e pede bilhete pró Camões, preguntam-lhe onde mora e êle diz que mora no Camões. quando onde mora é na Penha. Sonha alto com o Camões, fala no Camões quando acorda, e quando a mulher lhe pede para comprar um vestido êle só responde:

—Camões.

Ora diga lá, se êle não está doido. Irra para tanto Camões.

◆

Decididamente o meu amigo Salsa endoideceu. Se êle cuspia umas mil duzentas e cincoenta vezes por dia, há de naturalmente falar diáriamente no Camões, mil duzentas e cincoenta vezes.

Ora aqui está um patrióta do cuspo.

E o culpado desta tragédia camoneana fui eu!

E afinal, para que serviu, têr evitado que o Salsa, continuasse a cuspir?

No meio de tanta gente que cospe, que cospe constantemente, o cuspo da Salsa era uma gôta no Oceano.

Demais o Salsa é uma pessoa que não usa doenças contagiosas.. é um cavalheiro que se deita a horasque se levanta a horas, e até tem horas para as necessidades fisiológicas.

Tem bons pulmões, bom estomago, bons intestinos e boas pernas, não desfazendo nas de certas senhoras.

◆

Conheco alguns 5% dos portugueses que não cospem para o chão.

Todos êles têm cabeça tronco e membros como o meu amigo Salsa.

Dormem, acordam, almoçam, jantam, andam, correm, riem, penteiam-sel, avam-se, falam cantam e assobiam.

São pessoas como outra qualquer pessoa. Só não cospem para o chão.

As pessoas que cospem, mesmo nos dias de verão em que não cospem os contadores, hão de ficar admiradas, espantadas, ao sabêrem a existência de pessoas. que podem viver sem... cuspir.

Os leitores desculpem-me de cuspir tanta proza inutil. Não é devido a êste batalhão de palavras que deixas de continuar a besuntar as ruas, os cafés e a cara de cada um, com cuspo, que é uma cousa, que as pessoas civilisadas não usam nem sequer, para molhar as costas gomadas das estampilhas.

■

Não tenho visto o Salsa.

Mas calculo onde esteja.

Talvêz no manicómio, a passear pelo corredor e a dizêr de trinta a trinta minutos:—Camões.

JOTADELLE

·CIMENTO LIZ·

EM ARMAZEM
EM LIBOA

BENARD GUEDES, L.DA

RUA DO CRUCIFIXO, 75, 1.º D.º

LISBOA

Mulheres...

Onze horas da noite. Encontro-me sentado á meza dum café qualquer na intenção pretenciosa de rabiscar um artigo para a «Semana Portuguêsa», diante de meia duzia de linguados de papel, olhando-me com ar desconfiado, como a quererem dizer-me levemente trocistas: «vê lá o que fazes»...

Ora, eu quero afirmar aos raros que me lerem, não saber francamente, por onde começar.

Numa época em que tanto se fala de crise, a propósito — e a despropósito — de todas as coisas, não é licito. tambem que eu me sinta possuindo duma verdadeira crise de assunto?

A meu lado, um amigo que vê na mulher um tema original, dispara-me de chofre esta bala certeira:

— Porque não aproveitas a oportunidade que se te oferece agora para dizer duas palavras sôbre a «menina — século XX»?

Acedi, quási contente da sugestão.

Eu sabia bem aonde queria chegar o meu amigo.

A mulher, com as suas qualidades e os seus defeitos. com os seus encantos e as suas imperfeições, era realmente um assunto mais que debatido nas nossas conversas.

Eis porque me seduziu a idéia de o discutir aqui, não como dogmático de quem pretênde ser infalivel nas suas conclusões, mas com o á vontade e a levesa de que depende, na verdade, o êxito dum trabalho desta natureza.

E, antes de mais nada, esta pergunta que me tenta, que me espicaça a sensibilidade, e que ficaria a pesar-me como um crime, se a não fizesse porque não procura cultivar-se a mulher do nosso tempo, que passe os dias a contemplar-se ao espelho, a pensar num tipo mais moderno e impressionante de perfume, ou num tecido (quási sempre importado de Paris) que venha criar com o seu rosto, de linhas acentuadas a tinta especial, um conjunto mais subtil e sedutor?

Eis a grande questão. O problema primacial duma época como a que atravessamos, toda banalidade, toda inconsciencia, interessante só como documento, mas absolutamente incapaz de servir como lição.

A mulher dos nossos dias, que passa no Chiado ao pôr da tarde, nervosa e coleante, não tem tempo p'ra lêr, p'ra se instruir.

Levanta-se vái o sol no zenith.

Almoça, envergando um pijama tentadora.

Vái à modista. Depois toma chá, em casa duma amiga ou numa pastelaria da baixa.

Apóz o jantar, vái ao cinema.

Passou assim o dia. E é tudo.

A esta regra, todos nós sabemos que há poucas excepções.

E que admiraveis excepções, valha a verdade!

Como é que mulheres desta têmpera podem fazer a sua cultura intelectual, já não digo uma cultura invulgar, mas pelo menos, a indispensável?

Pessoalmente, conheço eu algumas raparigas que nem o Dr. Júlio Dantas leram ainda.

Há tempos, numa reunião qualquer conversava eu a propósito já não sei de quê, com uma linda rapariga, que um amigo se tinha lembrado de me apresentar.

A páginas tantas, como quem não quer a coisa, perguntei-lhe, com o ar mais inocente dêste mundo:

— E que me diz você do Julio Dantas?

Conhece alguma obra da sua vastissima galeria literaria?

Pasmai oh! gentes, como eu pasmei da resposta que ouvi.

A jovem, que eu supunha conhecesse pelo menos a «Severa» respondeu-me:

— Sim. Conheço... «Os três mosqueteiros».

Pode isto parecer um excesso de «blague».

E eu garanto-lhes que foi assim que as coisas se passaram.

Mas, meus amigos, a culpa é nossa, unicamente nossa.

Apetece-me ser nêste momento, o juiz de mim próprio.

Eu tambem tenho culpas no cartório...

Que admiramos nós na mulher que passa ao alcance dos nossos olhos, ávidos de beleza, senão aquilo que é, afinal de contas o mais instavel?

A inteligencia, como a sensibilidade, como a cultura, não mudam, senão para melhor.

A formosura é a mais transitória das fórmulas.

Não há mulher, por mais bela que seja, que consiga triunfar da luta com o tempo.

Não repugna mesmo ao meu espirito compreender o drama duma encantadora «yankee», suicidando-se friamente ao aparecimento do primeiro cabelo branco...

A beleza é como a mulher, a ária popular do Rigoletto:

«La donna e mobile...»

MARIO GUERRA ROQUE

ALHAMBRA

Cabaret ◆ Dancing ◆ Restaurant

O Salão mais animado e alegre do Parque Mayer

CINE E VARIEDADES

◆ ABERTO TODA A NOITE ◆

esta revista

foi executada nas oficinaas gráficas de Alvaro Silva & J. B. Vicente, Limitada

94, Rua Luz Soriano — LISBOA

PEN SA MEN TOS

Deixo os meus olhos
subir ás estrelas.
Lá en ontram doçura
e mundos,
que dão vida á minha ância.

Não gosto que fales alto!
(receias a «galena» ? Não).
Não quero que a tua voz
se perca...

Detesto olhar para o feio.
(talvez me deteste a mim mesmo).

Penso.
Pedrinhas que o mar nos traz.
E torna a levar brincando.

Olha! Sinto passos na alma.
Talvez out'alma perdida,
que pergunta o seu caminho.
(pl'o cre dor).

Não chores.
A chuva guarda o mistério!
E passa.

N'aquele livro «en route»
encontrei em duplicado.

Vejo ao longe, luzes no mar.

PEN SA MEN TOS

Fecho os olhos e vejo:
o desejo de partir.

Meia noute.
Levanto-me da terra e subo.
...e subo
(deixando na terra, a terra)

Lembro-me de noutes frias.
E da neve dos caminhos.

Alvaro CANELAS

PORTUGAL EXPOSITOR

Continuação da página 00

côres, modelo apresentado pela primeira vez na «Exposição Universal do Paris.

Expôz tambem êste estabelecimento uma «Marinoni».

Entre as variadissimas maquinas expostas no certame viam-se algumas de as quais datam de 1834, na América, e foi devido aos esforços de Walter Hunt, se não estamos em erro que se conseguiu resolver esse magnifico problema.

Mais tarde, 1846, Elias Howe e outros aprofeiçoaram-nas, aperfeiçoamento que veio até o industrial Americano «Singer» grangeandolhe o direito de primogénitura na descoberta.

Em 7 de Junho de 1888, com uma superficie de 26.647,m²50, inaugurou-se na Avenida da Liberdade a maior das exposições industriais que até então se tinham celebrado A ela concorreram 1214 expositores, tendo atingido ao 1304 instalações.

Com a coparência de toda a familia real portuguesa, foi a exposição inaugurada solenemente por D. Luiz, que deixava os seus aposentos pela primeira vez, após uma longa e penosissima doença para assistir ao acto.

D. Carlos, então duque de Bragança, nús creveu-se como expositor, tendo assumido a presidencia da secção Agricola dêste deslumbrante certame Nacional das Industrias fabris.

Os trabalhos o grandioso certame foram entregues ao notável arquitecto José Luiz Monteiro, tendo sido dirigidas pelo construtor civil Hermigildo Augusto de Faria Blanc, autor do Pavilhão «Principe da Beira». Iniciaram-se em 4 de Janeiro e concluiram-se 4 meses depois.

Foram 43 os pavilhões oficiais e particulares, construidos contandose, entre os ultimos votanvantes, cervejarias, cabine telefonica, camara escura

Constituiram-se 24 juris de prémios, mais 6 das que foram necessários para a classifição dos monstruarios apresentados na G. E. I. Portuguesa de 1932.

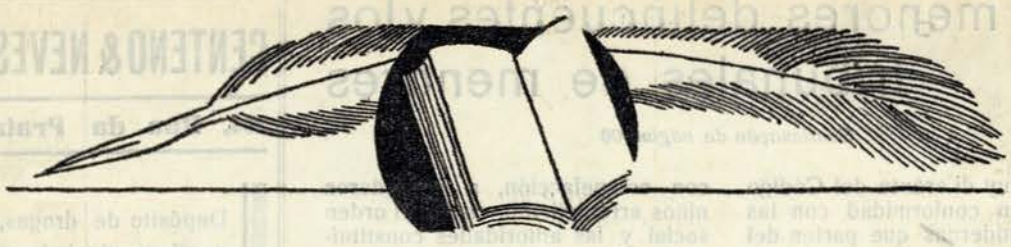
As entrados diarios, digno de nota, nos tres primeiros meses chegou a atingir 3.000 pessoas!

A Emilio Navarro, então ministro das Obras Publicas, e ao talento organisador do Visconde de Melicia se deve o exito de tão deslumbrante manifestação industrial em 1888.

Em 1893 e 1898, vêm respectivamente a «Exposição Industrial Portuguesa» realisada no Museu Industrial e comercial de Lisboa, e a da «Alfaia Agricola» na Tapada da Ajuda, sendo a organização da priro mais de «Feira de Amostras» do que de exposição.

No próximo número trataremos de que foi a «Grande Exposição Industrial Portuguesas, 1932» e qual a nossa opinião sôbre as vantagens da sua repetiçao êste ano.

LUIZ CASTELÃO



L•I•V•R•O•S

Boletim do Arquivo Histórico Militar — 1.º volume.

Abrimos esta segunda página de livros na «Semana Portuguêsa». para louvarmos o trabalho, bem necessitado e de ha muito reclamado pelos estudiosos e investigadores, do Boletim do Arquivo Histórico Militar, dirigido pelo académico e coronel de artelharia, sr. Henrique Campos Ferreira de Lima.

Ferreira de Lima, que há muito conhecemos, é sem duvida um investigador de mérito.

As 340 páginas dêste Boletim, atesta o seu já reputado valor — quer pela forma da sua apresentação gráfica, que é excelente, como os assuntos que versa, serem a todos os titulos valiosos e instructivos.

Toda esta fulgurante obra se deve incontestávelmente ao talento e á tenacidade do ilustre escritor Ferreira de Lima.

Aproveitamos a ocasião para prometermos que num dos próximos números da «Semana Portuguêsa» nos referiremos detalhadamente ao valor que representa para a nossa, história militar o recheio do Arquivo Histórico, que necessita de instalação condigna e em sitio ao alcance dos estudiosos.

Não queremos findar sem apresentarmos as nossas sinceras homenagens ao ilustre director desse Arquivo, coronel Ferreira de Lima.

Musa ao Vola te e *Terra Brava* — de J. Frederico Brito, mais conhecido pelo Poeta chauffeur.

No seu primeiro livro, que o ilustre escritor Forjaz de Sampaio, apadrinhou, o autor revela-se um bom popular poeta; o segundo livro prefaciado pelo grande mestre da poesia portuguêsa, Teixeira de Pascoaes, Frederico de Brito firmou mais o seu inspirado talento.

Salvé! Portugal! — por Bandeira de Tóro. E um pequeno opusculo contendo uma poésia em homenagem aos nossos soldados da Flandres e Africa.

Nesta poésia há apenas a transparecer sinceridade e a saudade do autor que nessa altura se encontrava em terras do Brazil.

Bandeira de Tóro fez bem em escrever êste cantico patriotico que alcançou a 17 edição—para os que renegam a Patria, saberem que ela — através dos séculos soube sempre galhardamente firmar os seus gloriosos feitos.

Cadernos Corporativos — O tomo n.º 2 insere entre outra colaboração de: Augusto Costa, dr. Pedro Theotonio Pereira, Ruy de Lordelo etc.

Fazem-se referê cia aos livros, q e nos enviem dois exemplar s

KODAK

A marca de qualidade

ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMATOGRAFIA DE AMADOR. PELICULAS RADIOGRÁFICAS

KODAK LD.ª

Rua Garret, 33 — LISBOA Rua Sá da Bandeira, 118 — PORTO

Los menores delincuentes y los tribunales de menores

Continuação da página 00

especial muy diferênte del Código Penal y en conformidad con las dotrinas modernas que parten del principio más riguroso, a juicio del señor Almeida Silva, "de que el fundamento de la pena se encuentra en las necessidades de la defensa social, por lo que establece que los menores delicuentes hasta dicha edad deben ser adaptados al médio social por una educación, aunque forzada, apropiada a su estado de degeneración y delicuencia.

Sentimos no poder continuar analizando êste importante trabajo que recomendamos a las personas peritas en la materia, y hasta a las que sin serlo o sin hacerse pasar por tales, deseen desde un punto de vista de cultura general o politica seguir los derroteros de la legislación moderna esta y otras materias que interesan hondamente a la familia y a la sociedad.

En nuestro país la matéria es no solo importante por sus caracteres generales, sino por circunstâncias de actualidad que no pueden ocultar-se a ninguna persona observadora e imparcial. La delicuencia infatil ha tomado entre nosotros, bajo el influjo de las continuas alteraciones de estos últimos años y del viento de locura que sopla a veces sobre nuestra sociedad, proporciones alarmantes y aflitivas para todo hombre de bien que las considere. Na ya sólo en el orden político, en que ha solido verse, con estupefacción, a verdaderos niños arremetiendo contra el orden social y las autoridades constituídas, atribuyéndose un saber y unas funciones tutelares que no les corresponden ni siquiera para su propia educación infantil, sino en cosos múltiples de delitos comunes para cuya represeión y castigo se han encontrado perplejos y confusos los tribunales, entre la exención total o la atenuación de responsabilidad que garantiza nuestro Código al menor delicuente y la plena capacidad para el mal de que algunos parecían estar dotados, llegando-se hasta el caso que nuestros lectores recordarán de un menor que asesinó a un sujeto muy apreciable, Alcalde que había sido de un Municipio de esta Provicia, instigado según se dijo por un próximo pariente de edad adulta que lazanba al crimen al menor inculpado confiado en que estaba a salvo de la responsabilidad criminal a causa de ser menor diez y ocho años. De sua uti idad es, por lo tanto, no sólo por la importancia excepcional de la matéria en si mismo sino por las circunstantísimo asunto del Tribunal de Menores, que, ojalá pueda salir al fin razonablementê organizado y seriamente constituído del maremagnum de nuestras desordenadas e inmaturas agitaciones políticas.

Havana, 1933.

RAFAEL MONTORO

CENTENO & NEVES, L.DA

204, Rua da Prata, 206

Depósito de drogas, tintas, vernizes, alvaiades e secantes da marca «Fiel». Essências para lenço e de frutos em todos os aromas. Vendas por grosso e a retalho. Fornecedor dos Hospitais Civis.

AMBICIOSOS

Continuação da página 7

boiço de ambicioso, Norberto Salgueiral reagiu, publicou livros, tentou desesperadamente a defesa.

No dia do julgamento, um julgamento que acabou numa condenação a pena maior, a esposa de Norberto, em pleno tribunal, beijou-o e disse-lhe:

—Não te defendas mais. Eu acredito em ti...

—E's sincera?...

—Oh! Sou tua mulher. Seguir-te-ei para onde fôres...

E só nessa noite, já dentro, bem dentro do seu caminho de infortunado, a alma de Norberto acordou, trémula de gratidão, pela mulher que, se o não podia continuar a amar, sabia pelo menos respeita-lo e chorar com o seu miserável destino.

GUEDES DE AMORIM

H. VAULTIER & C.A

Lisboa—Porto—Covilhã—Extremoz—
Ponta Delgada — Funchal — Paris

O maior sortido em:

Correias de transmissão (fábrica)
Oleos e massas lubrificantes EAGLOIL
Empanques diversos para máquinas
Tambores de madeira (fábrica)
Borrachas industriais
Mangueiras de linho para serviço de Incêndio (fábrica)
Desperdicios de algodão para limpeza de máquinas 2 (fábricas)
Puados para fiação de lãs e algodões (fábrica)
Aparelhos e acessórias para a indústria de moagem (oficinas) etc.

CARLOS NEVES

Gravador

RUA AUGUSTA, 177—LISBOA

Telefone 2 0138

Fabrica de carimbos em todos os géneros. Preços baratissimos.

Fabricade chapas esmaltadas

Medalhas de Sport monogramas em ouro e prata.
Selos brancos em todos os géneros,
Numeradores, etc.

40357

[illegible]ADO